

A Pedra Escondida

Marcia Bandeira

Orientadora

Dra. Susan Bello

Jornada Pessoal

Pintura Espontânea pelo Método I.am.I

Janeiro 2020

Índice

Introdução

.....3

Capítulo 1

A Alquimia e o encontro com o invisível

.....4

Capítulo 2

A Pintura Espontânea e o espírito da busca

.....6

Capítulo 3

A poesia e a pedra escondida

.....12

Conclusão

.....49

Bibliografia

.....50

Introdução

*Se nós entendermos que, aqui nessa vida, já temos uma conexão com o infinito,
desejos e atitudes mudam.*

Carl Gustav Jung

Ora, lege, lege, lege, relege, labora et invenies

Mutus Liber

Durante toda a jornada de Pintura espontânea, como pintora e, posteriormente, como facilitadora, durante o estágio supervisionado, percebi que as transformações psíquicas que ocorriam, se aproximavam muito das etapas descritas nos processos alquímicos, tanto nas referências de Alquimia Medieval, como nos estudos psicológicos de Carl Gustav Jung e mais contemporaneamente de James Hillman.

Decidi, então, criar um diálogo livre entre a minha experiência pessoal com a Pintura espontânea e a Alquimia. Essa conversa não se pretende científica, pois não deseja provar nada. Planeja-se aqui, apenas, expandir uma hipótese de forma criativa e intuitiva e acolher as derivações que surgirem como possibilidades de novas e frutíferas elaborações.

Assim como os alquimistas do passado, pretendo descer voluntariamente para o mais profundo em mim, ouvir as mensagens trazidas pelas imagens inconscientes que vieram ao mundo, ler e reler os livros dos mestres que já percorreram seus longos caminhos e misturar, esquentar, deixar esfriar, dissolver e coagular, lentamente.

Capítulo 1

A Alquimia e o encontro com o invisível

O céu puxa a terra para os seus braços

Cézanne

A arte sagrada da Alquimia trabalha desde sempre com o propósito de unir dois aspectos, o material e o espiritual; acelerar as transformações internas do homem, visando a sua elevação, e levar essa luz a outros seres e mundos.

O processo alquímico pode ser sistematizado em três etapas principais: *nigredo, albedo e rubedo*.

Nigredo seria a descida aos infernos e o confronto com as sombras.

Albedo seria a purificação, a limpeza, a lavagem e o branqueamento do que se acessou na etapa anterior.

Rubedo seria a reaproximação do ser purificado ao mundo, quando a alma branqueada retorna a terra, saindo do lugar de ingenuidade e inaugurando um lugar de completude.

A Alquimia também pode ser examinada pelas imagens que foram desenvolvidas principalmente na Idade Média. No *Mutus Liber* (Livro Mudo), por exemplo, há uma sequência que começa com um homem dormindo com a cabeça sobre uma pedra. Essa imagem remete à inconsciência, a um momento de vida em que ainda não despertamos para o processo de transmutação. Ainda não percebemos que a pedra filosofal está bem dentro de nós.

Logo em seguida, há o início do processo alquímico, o ser que era uno divide-se em dois, surge a polaridade, o masculino e o feminino, representados pelas figuras do rei e da rainha. A dualidade, a dúvida, a angústia e o medo podem ser a matéria prima para o início do trabalho de elaboração pessoal, se houver vontade e se a imaginação for ativada.

A seguir, aparecem os quatro elementos: água, terra, ar e fogo. Substâncias fundamentais para a execução da *opus*. A presença da natureza nos mostra que o

processo de evolução dá-se quando nos percebemos parte e todo. Os quatro elementos poderiam também representar os corpos físico, energético, emocional e mental, lembrando-nos que o desabrochar do ser depende do equilíbrio e interconexão entre microcosmo e macrocosmo.

Na quarta prancha, o rei e a rainha estendem lençóis para colher as gotas de orvalho, simbolismo da água pura que desce dos céus para o processo de dissolução, lavagem e purificação das sombras. A seguir, o orvalho é colocado nos vasos alquímicos e inicia-se o longo processo de transmutação. Já se sabe que uma criança vai nascer. Brota a semente da pedra filosofal.

Após muita elaboração, nasce a flor filosofal, a flor branca dedicada à espiritualidade e à união dos polos. Na próxima etapa, a opus é misturada ao tempo, para que possa ser amadurecida. A partir daí, não há mais somente a espiritualidade e a pureza, há o fogo e o mistério. O trabalho continua, pois deve haver um equilíbrio perfeito entre as forças inicialmente opostas.

Na última etapa, o alquimista supera a existência humana, concilia sol e lua e torna-se o iniciado que ascende aos céus. O ser pode perceber que aqui, nessa vida, já é possível fazer uma conexão com o infinito.

A Alquimia mostra-nos a importância da alma, o resgate da alma do mundo. Tudo é animado: os vasos, o fogo, a natureza e todos os seres. Nesse processo evolutivo, nada pode ser jogado fora, pois a morte alquímica não acontece por eliminação, mas por purificação. Tudo é vivo e está em evolução.

A alma pede para ser trabalhada, sugerindo um ideal arquetípico de perfeição.

Capítulo 2

A Pintura Espontânea e o espírito da busca

O Método I.am.I. de Pintura Espontânea é um método expressivo que promove a liberação da criatividade para um profundo autoconhecimento, acordando seus potenciais para o encontro de seu propósito de vida.

Susan Bello

Na medida em que conseguia traduzir as emoções, eu readquiria a paz interior. Minha experiência ensinou-me o quanto é salutar tornar conscientes as imagens que residem por trás das emoções.

Carl Gustav Jung

Quando a mente repousa num firmamento imaginal, então pensar e imaginar não mais se dividem e chega-se ao estado noético. Desse modo, o conhecimento vem da alma e o alimenta. O conhecimento não está em oposição à alma, mas sim, é uma necessidade da mente através do qual a alma pode conhecer a si mesma. A psique torna-se ciente de si mesma através dessa conversação através das imagens.

James Hillman

A sacralização é a principal função do homem no mundo.

Mircea Eliade

É o Espírito da busca que auxilia: eu sou o escravo desse Espírito da busca.

Rabindranath Tagore

O espírito de busca me levou à Pintura Espontânea e a metodologia I.am.I me conduziu a uma experiência profunda e bela: a minha alma reconheceu-se a si mesma no mundo, com o mundo.

A partir dessa descoberta, a alma liberta convidou-me a dançar com a vida. A minha essência tornou-se mais manifesta e as minhas escolhas, mais intuitivas. Desse modo, a própria dissertação dessa jornada foi trabalhada de forma livre.

A Pintura Espontânea, através da livre expressão e da criação de um espaço de plena confiança, possibilitou-me, inicialmente como pintora e, posteriormente, como facilitadora, um mergulho profundo no mundo dos símbolos pessoais e coletivos.

Cada imagem acessada na psique profunda teve a função de gerar pistas e, aos poucos, familiaridade, para a construção de um caminho rumo ao self.

Essa trilha é tortuosa. Algumas vezes, senti medo. Outras, coragem. Pouco a pouco, fui acessando subpersonalidades até então desconhecidas e, cada uma delas, chegou com tamanha energia que fui obrigada a lhes dar atenção. Mais do que isso, fui me afeiçoando a todas as partes da minha alma.

Sem perceber, fui me aproximando dos meus monstros, polvos, serpentes e casas do medo. Da mesma forma, fui criando profunda amizade por minhas guerreiras, sereias e fadas. Todos esses personagens começaram a conviver harmonicamente dentro de mim.

Eu, que me sentia não pertencente a esse mundo, comecei a pulsar junto à matriz divina. É importante frisar que o grupo foi fundamental para que as barreiras do medo fossem derrubadas e para que os laços de confiança fossem reestabelecidos.

Eu não preciso mais carregar e mostrar para o mundo o meu corpo de dor. O processo é a verdadeira obra, mas a poesia é a cura. Todos os fatos ocorridos e todos os afetos experimentados durante a trajetória não precisam mais me acompanhar em sua pesada materialidade. Hoje, eu percebo que construí um relicário, um altar em miniatura, onde posso honrar minhas cicatrizes, mas não desejo mais saturar a minha vida com demasiadas cargas.

A cura é a restauração do diálogo franco com a alma. O tratamento é o abaixamento do nível de racionalidade e da defesa para que a intuição e a capacidade criativa inatas possam se manifestar livremente. O remédio é o contato com os símbolos que nascem maduros de dentro de nós e se manifestam na vida.

A Pintura Espontânea conversa francamente com a Alquimia quando percebe e valoriza a alma em todas as coisas: no papel a ser pintado, nos pigmentos de cores básicas que serão misturados intuitivamente, nos pincéis largos que geram forma e vida, no espaço físico sagrado dos encontros (laboratório), na música que conduz a estados alterados de consciência, na presença plena da facilitadora e das pintoras, todas alquimistas.

Os encontros do grupo são momentos de comunhão, guiados por um desejo de entrar em contato com o si mesmo. Tudo deseja reencontrar o self e, por esse motivo, o próprio arquétipo da unidade também deseja ser encontrado. Desse modo, podemos, aos poucos, acessar o essencial, em nós e no outro. O grupo se fortalece a cada troca verdadeira, os laços se aprofundam em confiança e amor, os eventos sincrônicos acontecem como mensagens enviadas especialmente para cada um de nós.

Restabelece-se a esperança no mundo, apesar de todas as dores, apesar de todos os medos, pois somente quando apreciamos a beleza nas coisas do mundo pode o nosso amor retornar ao mundo.

Revitalizados por esse amor que é nosso, mas que é, acima de tudo, do mundo, começamos a nos aproximar da nossa alma. A Pintura Espontânea nos ajuda a materializar em imagens livres os nossos fantasmas, heróis, quartos escuros, vidas passadas, traumas, desejos e potenciais adormecidos. Tudo isso, de forma não verbal, não controlada ou direcionada. A liberdade proposta pela metodologia é a chave para acessarmos o sótão celestial.

Tais seres, memórias, arquétipos e emoções antes incompatíveis e incomensuráveis, a partir do momento que se percebem livres, passam a construir por si mesmos um diálogo universal, como um esperanto psíquico. Magicamente, começamos, pouco a pouco, a compreender-nos a partir dessas experiências interiores.

Não se trata de uma compreensão racional. Não se fala aqui de um diálogo lógico, mas de um reconhecimento do que se é, uma aceitação da complexidade da vida como algo possível e menos doloroso. A coexistência de luz e sombra, a convivência de potência e fragilidade, medo e coragem, dias ensolarados e noites escuras da alma.

A partir do momento que reconhecemos todas essas partes de nós para nós mesmos e para o grupo, as defesas começam a baixar guarda: somos humanos,

igualmente humanos, divinamente humanos. A aceitação da nossa humanidade nos ajuda a aceitar a humanidade do outro. Eventualmente, dificuldades de relacionamento com pais, mães, irmãos, filhos, avós e amigos podem ser revistas com o olhar livre de véus e, quem sabe, atualizadas na forma de uma narrativa pessoal mais límpida e leve.

A pintura espontânea, assim como a Alquimia, nos propõe uma caminhada pelas negras sombras, passando pela tristeza dos azuis, alcançando a pureza e a suavidade do branco, que precisa ter a experiência mundana do amarelo para poder chegar à plenitude e à força do vermelho, comunhão entre alma e mundo.

Antes do negro, há o branco inconsciente, imaculado, ignorante de si e do mundo. Esse branco original precisa ser ferido para que se inicie a *opus*. O alquimista atento observa-se a si mesmo e percebe que é, ele mesmo, a matéria prima a ser trabalhada. A aceitação do convite para a atividade já é em si o início da transformação.

O *nigredo* é a quebra do paradigma do conforto. Eu começo a caminhada quando aceito que tenho sombras, quando digo que sinto medo, quando acesso minhas dores, quando tenho coragem de exteriorizar a minha raiva. São pretos todos esses sentimentos que ficaram escondidos e envergonhados de si mesmos durante décadas, recalcados no fundo de quartos escuros, também pretos e empoeirados, trancados e negados.

Na Pintura Espontânea, quando surgem os primeiros símbolos de sombra, eu temo, mas, ao mesmo tempo, avanço, pinto, pinto de novo, para dar mais espaço a essas imagens que desejam sair da escuridão e vir para a vida. O enfrentamento da sombra traz fortalecimento psíquico e, magicamente, surgem alternadamente imagens luminosas. A luz sobre o preto traz o azul.

O anil começa a liberar a alma de seu condicionamento sombrio. A aparição do azul traz a potência da imaginação, a intuição e a sensibilidade poética. A melancolia está presente porque não é simples se desapegar da dor que esteve presente durante tantos anos. Aos poucos o azul explícito em imagens, palavras e gestos vai expulsando a escuridão exterior. Eu me aproximo dos sonhos.

Os sonhos me ajudam a olhar para o céu e eu começo a ter a experiência do *Albedo*. A *anima* desperta em minhas imagens e quanto mais eu mergulho nos símbolos, mais acesso a minha essência, mais a minha alma me alimenta, e eu a ela. A poesia me invade, sinto-me leve, tenho insights, percebo sincronicidades e consigo

acessar falas duplas internas, quádruplas, múltiplas. Poderia me manter nesse mar branco por décadas. Tenho afinidade por esse estado mental imagético, autorreflexivo e mágico onde não há dor.

Acontece que a pura claridade não se sustenta eternamente. A alma está em constante evolução, pois há uma meta implícita. O próprio arquétipo do self clama por transformações. A nova manhã começa a colorir os céus alvos de luz dourada. O amarelo é o enxofre do mundo, é o retorno dos sonhos à vida acordada, a junção do homem e da mulher. Não há mais uma separação brusca entre a fantasia e o corpo de dor. Há uma vontade lenta de aproximação, há um desejo de aceitação do mundo como ele é.

Na Pintura espontânea surgem os primeiros seres dourados livres, os meus anjos amarelos com corpos e asas abrindo o caminho psíquico para o encontro dos mundos, o *unus mundus*. A meta alquímica é a cura: a cura do homem e a cura do mundo.

Aproxima-se o fim dessa opus quando entramos no estado de *rubedo*. Descobre-se a alegria, o otimismo e a confiança na transição do amarelo para o vermelho. A percepção se expande e percebe-se que não há um resultado final a ser conquistado, mas sim, um ser humano a ser liberto.

A pedra filosofal poderia ser imaginada como algo rígido, uma verdade única conquistada após longos anos de trabalho e dedicação. Na verdade, ao contrário, ela é um receptáculo de todas as verdades; um lugar que acolhe todos os significados mas não se cristaliza em nenhum deles, como uma superfície lisa, livre de passados, pronta a ser impregnada pelo novo sem julgamentos ou restrições.

Ao mesmo tempo em que condensa a sabedoria, a tal pedra escondida tem uma aparência suavizada e transparente, pois seus limites são frouxos e suas defesas totalmente abertas, sem resguardo algum. Nesse momento, podemos experimentar o amor. O amor por nós, pelo próximo, pelo mundo. Nesse momento de total deposição de armas surge uma sensação de pertencimento que faz com que a própria alma queira retornar e se oferecer ao mundo.

Em minha jornada pessoal na Pintura Espontânea, eu trouxe ao mundo cerca de 100 imagens nascidas do inconsciente e centenas de textos escritos a partir de experiências de imaginação ativa. Esses símbolos foram guias poderosos e sábios a me acompanhar e ensinar durante o caminho.

No processo de registro da jornada da Pintura Espontânea, fiz a seleção das imagens que formaram uma linha simbólica mais significativa a nível de transformação e transmutação de formas, cores e linguagem. Mantive como objetivo demonstrar o processo alquímico de amadurecimento e coagulação do que era demasiadamente frouxo e disperso; e de amolecimento do que em mim era extremamente rígido.

Os textos foram, aos pouco, se transformando em pequenas poesias. Os rios emocionais com muitas palavras, antes necessários, foram se secando ao sol da luz interna, cada vez mais presente. As feridas abertas, cheias de sangue e dor, foram se curando e criando belas cicatrizes, que hoje honro com leveza.

Hoje, percebo que os meus desejos não são só meus, mas a vida deseja por intermédio de mim. Os meus amores não são só meus, mas, sim, a manifestação do amor do mundo em mim. Eu percebo a linguagem do mundo e me ofereço a ele.

A alma, uma vez liberta, deseja atuar junto a todas as coisas que existem no universo. Ela intenciona retornar à alma coletiva do mundo através de novas imagens, poesias, cantos e ações transformadoras. A essência da alma é a criação, eternamente.

Capítulo 3

A poesia e a pedra escondida

Nós somos sempre alma

James Hillman

*Era uma vez
e não era uma vez
uma menina que foi abusada
pelo seu avô materno
aos 12 anos de idade.*

Existe dentro de mim uma pedra escondida, brilhante, sintética e, ao mesmo tempo, infinita. Tal precioso amuleto, permaneceu, durante anos, contido em um quarto escuro, dentro de um antigo baú, coberto por pesados véus.

Sem descanso, sua luz eterna me enviava mensagens e chamados, mas os meus monstros montavam guarda na entrada do aposento profundo e eu seguia a vida completamente ingênua em relação à existência do tesouro.

Aos poucos, com a coragem que a própria pedra me ensinava, sem que ainda soubesse, fui integrando os seres que me amedrontavam, ao percebê-los e acolhê-los como partes de mim.

De forma mágica, a própria sombra visitada me ofereceu voluntariamente as chaves. Adentrei quartos desconhecidos, descí e subi escadas, encontrei janelas e frestas, abri portas que me conduziram a novos espaços.

O talismã me buscava e eu a ele.

Fortaleci-me em confiança, desencantei-me do sofrimento e desejei verdadeiramente encontrar o sol. Começou assim, minha jornada.



A matriz

Útero,
mancha
de rubro sangue.
Semente
da mãe interna.
Ruptura
que me conduzirá
ao mundo livre.



O parto

Nascem e morrem homens.

Nascem e morrem
mulheres, crianças e velhos.

Vive a mãe em mim,

eternamente

filha do universo,

rio da vida.



O nascimento da criança divina

O homem
de falos eretos
que me atormentava as noites
tornou-se meu pai
no exato momento
em que foi beijado
pela mulher
que já não temia amar.



A grande Mãe

Primeira fêmea do universo

Tribo e memória,

gozo e luta.

Ninho de braços delgados,

úteros pulsantes

em sangue e sal.

Alma ancestral.



Prima materia

Vísceras expostas,
asas de músculos,
desejo de mundo.

Coração,
carne,
prima materia,
amor vivo.



O polvo

Boca tentáculo,

viscosidade e movimento,

Nudez mergulhada no tempo,

Sede de prazer e vida.

Ah, o polvo...



O polvo (2)

Falo e gruta.

Dedo, serpente e medo.

Busca e encontro.

Amolecida,

lasciva sou.



O polvo (3)

Ele penetra e vasculha,

encontra e acolhe.

Ensaia, permite e excita.

Eu, suavizada pelo amor.

flutuo em paz.



Arbor

O alecrim que brota dos seios fartos
perfuma o dia.

Multiplica-se em mim
o brilho da alma das plantas.



Femina

Simbiose,

floresta de fêmeas.

Crepúsculo e aurora.

Medusa e semente,

fissura,

mutação.

Espírito da busca.



Montanha

Eu abraço

a enorme rocha.

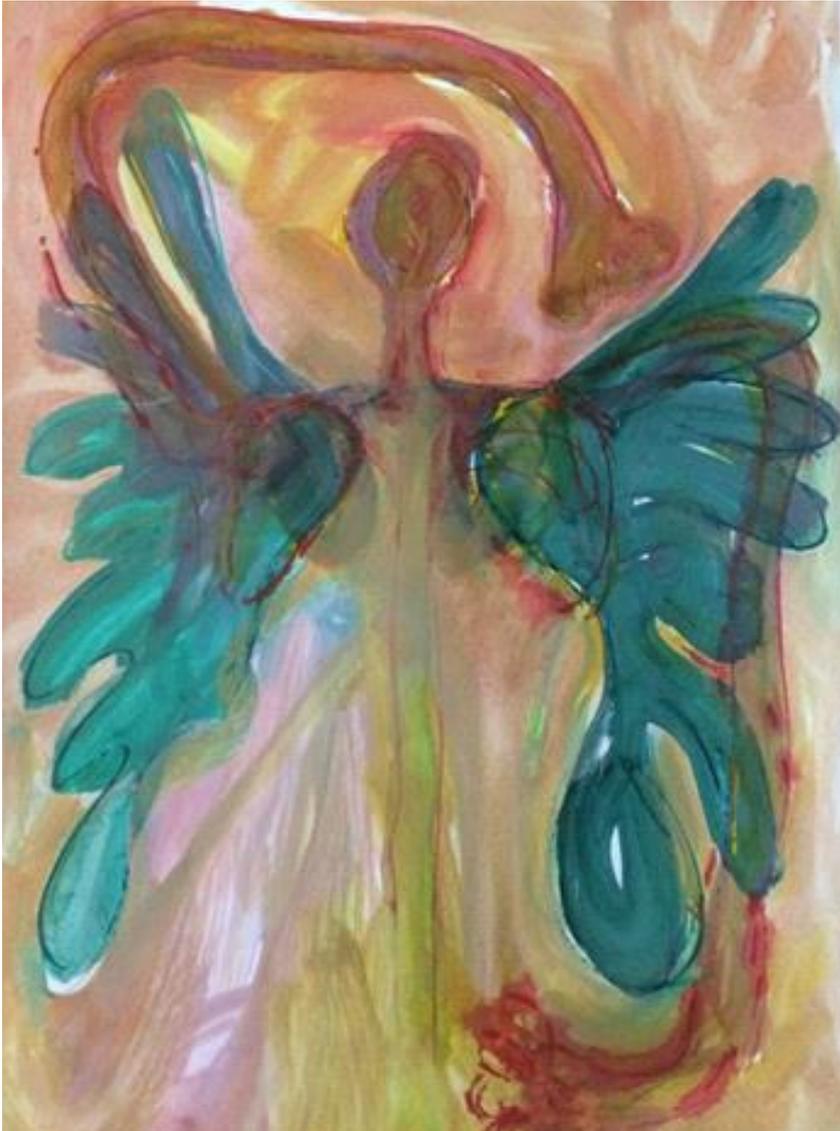
O cordão umbilical

me liga ao topo do céu.

A floresta tinge

o mundo de beleza.

A alma nunca está perdida.



Anjo floresta

Existe em mim
um anjo brincalhão
com longos braços
que me puxam para o céu.



A casa do medo

A menina tinha medo

da casa do medo.

A dor guardada

no quarto, na cama, no carro,

bem lá dentro da memória do medo.

Até que o medo

dissolveu-se e

libertou-se além de si.



A casa do medo (2)

“Minha casa pegou fogo,
nada mais me oculta
a lua deslumbrante”

Koan japonês



A flecha

Eu tenho medo do homem mal.

Eu sou forte.

Por que há solidão?

Eu sou a interseção entre corpo e alma.

Eu ainda não perdoei Deus.

Eu sou abençoada pela minha capacidade de amar.

Eu sou o azul sagrado e livre.



O grito

Ergue-se o grito secreto da alma.

Grito azul violento.

Grito mar profundo.

Grito dessa noite maior do que eu.

Ainda assim pouco,
ainda assim pouco...



O grito (2)

A doença

são as feridas do ser.

Entrego-me às chagas abertas,

cogito a escuridão

para reencontrar

a história da minha alma.



Nekya

(Mito - descida ao mundo subterrâneo para quebrar o poder da morte)

Eu odeio você.

Eu desejo você.

Você é instinto, besta fera.

Você é ingenuidade.

Natureza imoral.

Medo da morte humana.

Eu incorporo a vulnerabilidade da experiência,

acesso a massa confusa da dor.



Nekya (2)

(Mito - descida ao mundo subterrâneo para quebrar o poder da morte)

Devoro o indigesto mal

Sem medo ou remorso.

Expulso a escuridão das palavras.

Torno-me, enfim, predadora.

Você morre e

eu perdo

a sua inumanidade.



Nekya (2)

(Mito - descida ao mundo subterrâneo para quebrar o poder da morte)

Danço e

vejo mãos

com olhos nos dedos.

O coração une-se

aos braços esverdeados.

Tudo sangra

em decomposição.



Camafeu

Veio me visitar uma deusa

com uma coroa de rosas.

Sou chamada pelo vermelho,

terra, corpo, madona livre.

Não há mais certezas inquestionáveis.

Estranho mundo novo;

Meu reino.



A eterna noite

A mente está
no azul do líquido céu.

Utopia morna
na pura noite.

Não há temor.

A vida voa
rumo a novas imagens.



O cosmo

O coração me mostra
a face de meu pai,
seus dedos de estrelas,
todo o cosmo.

Não há compreensão,
apenas a existência
das flores azuis e
a imaginação
completamente aberta.



O cosmo (2)

A força criadora
reina em liberdade plena.

As defesas frouxas
abrem a capa de luz.

Não há busca,
nem medo.

A alma quer voar.



O cosmo (3)

Seres livres.

Espelho e ordem
do espaço simbólico.

Cosmo interno.

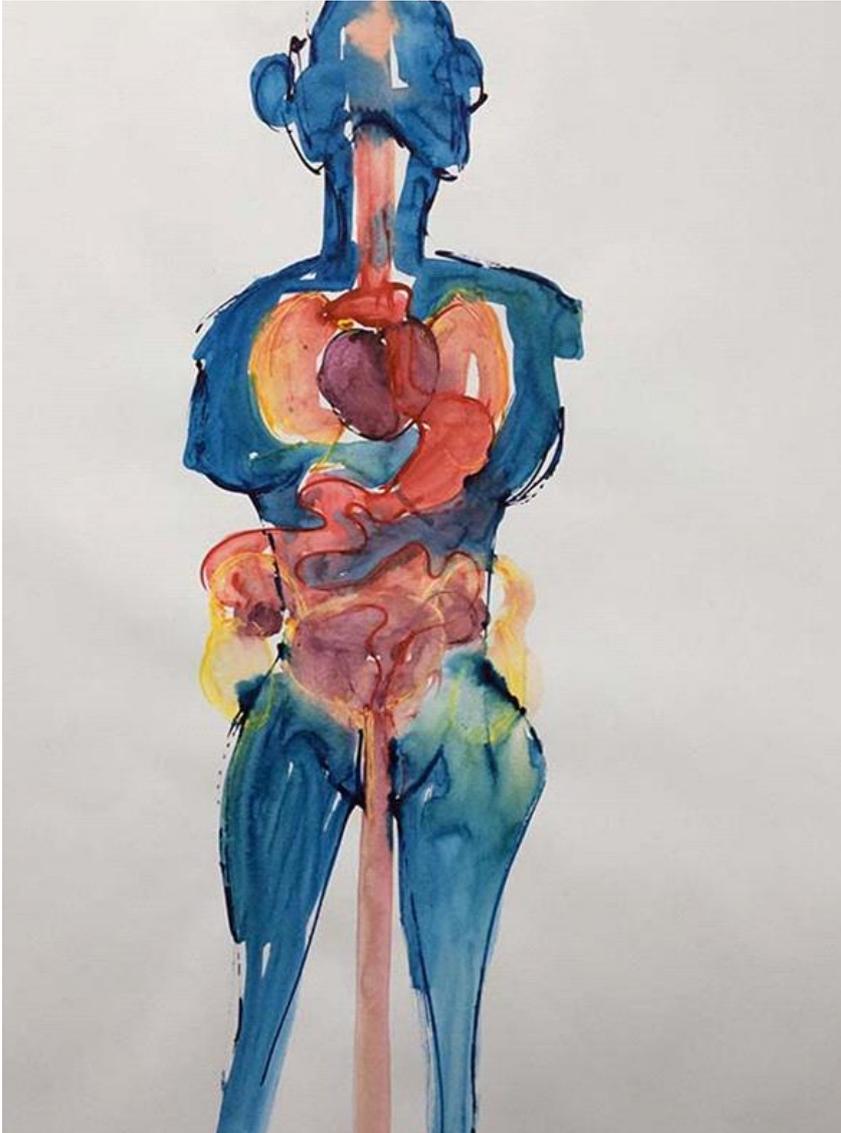
Purificação.

Inocência em fim.



O rio

Rio transbordante
de vida e fertilidade,
visita o interior da terra,
purifica, lava e branqueia.
Navega pelos mundos,
encontra o invisível.



O corpo azul

Medos gravados
no desnudo corpo de dor.

Vaso preenchido
pelo conflito divino.

O rosto da sereia
recebe as primeiras
gotas de orvalho.



O corpo dourado

O corpo é a forma,
o campo aberto
para a sementeira.

Do jardim de voos dispersos,
visito o interior da terra,
a alma da terra.



O prazer

Corpo suspenso,
tingimento de beleza,
criação contínua,
tons de amarelo ouro.
Eu me aproximo do mundo.



O prazer (2)

Batismo,

iniciação,

voo da vida,

ritmo e respiração da vida.



Shakti

(Em sânscrito - poder ou energia; aspecto feminino primordial)

Placenta,

esfera,

nave.

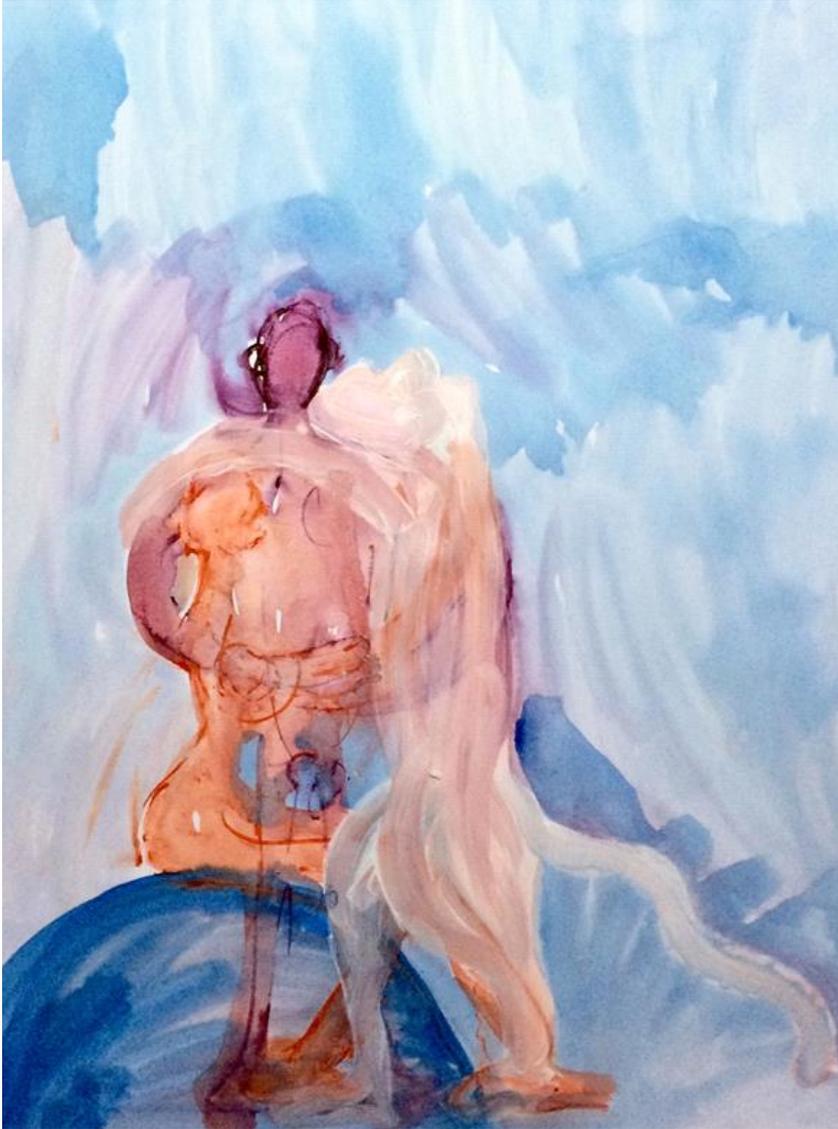
Cordão encarnado

ligado ao coração central.

Desde esse berço,

protegida e presa,

de volta ao útero infinito do céu.



Eu, você e a onça

Onça viva,
ser selvagem.

Respiração profunda:

medo...

calma...

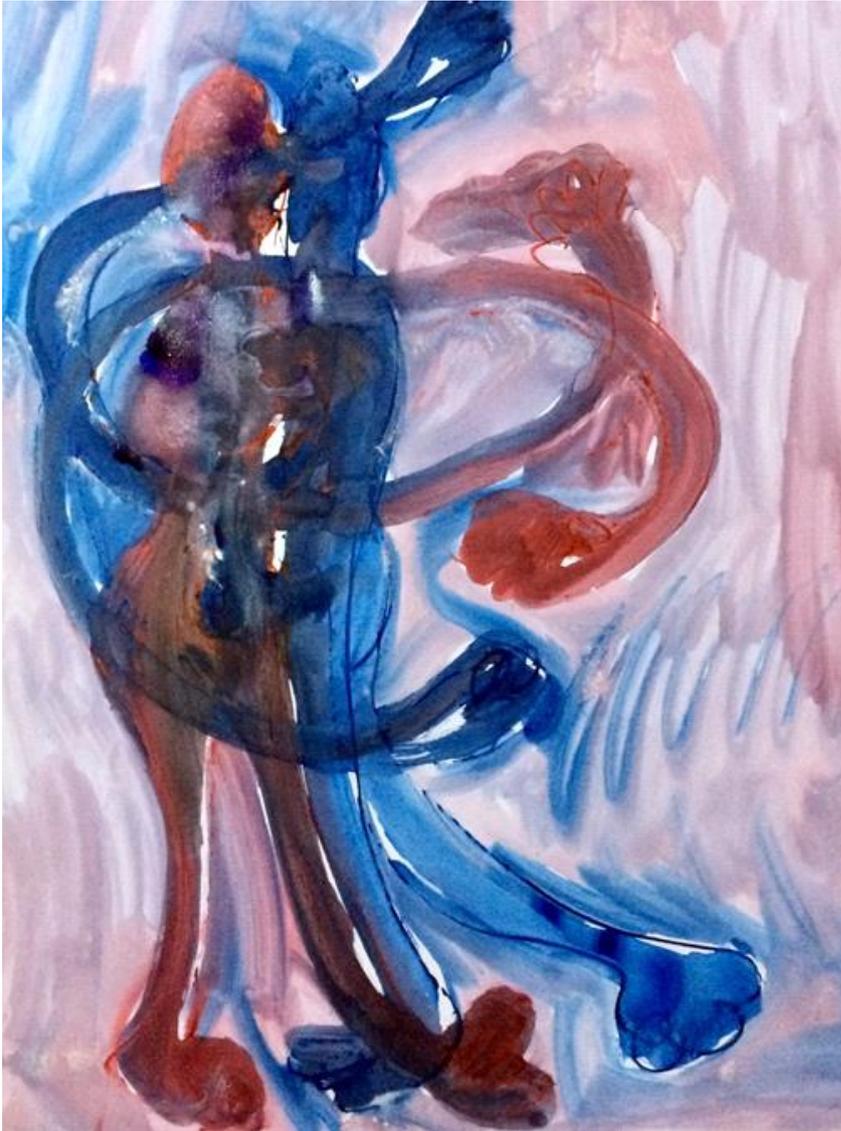
medo...

calma...



Eu, você e a onça (2)

Os objetos libertos
em êxtase
adentram o jardim e
vislumbram a flor.
O sagrado é real.



Hierofania

O rei e a rainha nus
dançam, em torno de um centro,
a sinfonia da vida.
Durante a trajetória,
surgem pistas de pontes
para o infinito.



Éon

Ao infinito,
me entrego.

Pertenço
ao céu e
à terra.

Há semelhanças
em todas as coisas.

Há cura.



Unus Mundus

A mente azul

é o próprio céu.

Converso

com os pássaros.

Mergulho no sagrado.

Acabo de despertar.

Conclusão

Finalizo essa argumentação percebendo-a como um novo e maravilhoso começo. O espaço sagrado é real. O mundo tem sentido a partir das pontes que construímos com o inconsciente. Cada vez que temos a coragem de caminhar por essas pontes, trazemos para a nossa vida cotidiana tesouros que nos auxiliam no trabalho de expansão de consciência, nosso e do mundo.

Essa caixa de segredos é onde está guardada a ordem e a beleza do universo. Quando nos aproximamos voluntariamente dela, inauguramos um novo olhar em nós. Surge um desejo natural de atuar no mundo, no sentido de dar continuidade à criação divina, com o propósito de aliar-se à natureza e trabalhar com as mãos limpas, com a alma limpa.

Bibliografia

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. José Olympio Editora, 1988.

CORBIN, Henry. *Mundus Imaginalis*. 1964

EDINGER, Edward . *O Mistério da coniunctio*. Editora Paulus, 1994

ELIADE, Mircea. *Lo sagrado y lo profano*. Editora Guadarrama, 1973

HILMANN, James. *Psicologia alquímica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. São Paulo: Círculo do Livro, 1963.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1971.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *Arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TAGORE, Rabindranath. Kabir, Cem poemas. Attar editora, 2015